

Marco Guimarães (2011). *Meu pseudônimo e eu*. São Paulo: Octavo.

Paul Lodd (2010). *De escritores, fantasmas e mortos*.

Rio de Janeiro: Livre Expressão.

Marco Guimarães será ainda um escritor desconhecido da maioria do público leitor, sobretudo português. Até ao momento publicou apenas dois livros, mas a escrita é promissora e o passo seguro de maturidade. O leitor que elege os seus livros não dará o seu tempo por mal empregue.

Marco Guimarães nasceu em 1951, no Rio de Janeiro, aposentado como professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com doutoramento e pós-doutoramento na área de medicina, dedicou a maior parte de sua vida profissional ao ensino da Fisioterapia. Para além de artigos científicos, a partir de 1997 passou a escrever crónicas no campo da filosofia, da literatura ficcional e da sociologia, para uma Revista da área de Saúde. O seu primeiro romance foi publicado em 2010, *De escritores, fantasmas e mortos*, sob o pseudónimo de Paul Lodd. No final de 2011, publicou *Meu pseudônimo e eu*. Este segundo romance foi nomeado como um dos 20 finalistas, numa lista de 199 romances, à categoria de romance do Prémio Portugal Telecom de Literatura, 2012, no Brasil. O terceiro romance, *A Bicha e a Fila*, escrito a quatro mãos com o escritor angolano Manuel Rui, está pronto para ser publicado. O seu quarto romance, escrito a solo, cujo título será *A ressurreição de Ahmed Abd-all-Hakin*, está programado para ser lançado em 2013.

Este segundo romance, *Meu pseudônimo e eu*, chamou a atenção da crítica, começando logo pelo achado feliz do título, pela capa a preto e branco, candidata a uma das melhores capas de romances, em 2011, no Brasil. Porém, este livro não pode ser lido com sucesso, alcançando as várias interpretações, se não se tiver presente o primeiro romance do autor. Estes dois livros, *De escritores, fantasmas e mortos* e *Meu pseudônimo e eu*, comunicam metaliterariamente entre si.

*Meu pseudônimo e eu* conta a estória de Marcel Rood, escritor de sucesso que utiliza o pseudónimo de Marcel Rodd. Aqui parece haver uma ligação ao pseudónimo que o próprio Marco Guimarães escolheu para o seu primeiro livro, Paul Lodd. Aliás, Marcel Rood faz lembrar um *alter ego* do escritor, um apaixonado por Paris e com uma experiência pessoal

e profissional que transfigura em registo literário. Também esta personagem principal de *Meu pseudônimo e eu* tem doutoramento e pós-doutoramento na área da medicina, está aposentado, escreve crônicas e romances. A personagem alterará a forma de se relacionar com o público, passando, no final, a decidir assinar os livros com o seu nome e não com pseudônimo. Também o segundo livro de Marco Guimarães já não é assinado com pseudônimo. Os motivos que levaram a personagem e o autor real a optar por tal decisão será diferente. Marcel Rood descobre que seu último livro será autografado por alguém que se fará passar por ele numa livraria de Paris e que o seu editor é um homem sem escrúpulos.

A ação dos dois primeiros romances passa-se sobretudo em Paris. Marco Guimarães mostra preferir os espaços urbanos das grandes cidades e conhecer bem a morfologia da cidade francesa. São recorrentes, nos dois romances, as referências com precisão, a locais, ruas, trajetos, com especial incidência no “Quartier Latin” e no “Jardin du Luxembourg”, como se a personagem “flâneur” fosse a imagem do narrador andarilho e ambos se fundissem.

A preocupação recorrente com conteúdos literários percorre os dois livros, também. As personagens principais são homens aposentados, escritores ou candidatos a escritores. Em *De escritores, fantasmas e mortos*, os protagonistas são Jean-Pierre, personagem de Jérôme, e esta personagem de Paul Lodd, que é como quem diz de Marco Guimarães. Confuso? Apenas engenhoso, numa teia engendrada pelo autor real na tentativa (bem conseguida) de criar um metarromance. Somente no capítulo sete é que o leitor de *De escritores, fantasmas e mortos* percebe que estivera a ler parte do romance de Jérôme, que por sua vez apresenta ao longo dos capítulos outros intertextos como um conto interpolado e registos de e-mails, estabelecendo uma relação da ficção com a realidade, na tentativa de confundir o leitor mais distraído. As análises e críticas literárias que se encontram nos romances vêm também consubstanciar a tentativa da escrita de um metarromance, na preocupação em que o leitor perceba a cultura literária do(s) narrador(es) e a construção consequente de uma narrativa em que tudo é pensado, até as subversões, dentro do código literário. Vejamos o seguinte exemplo, do diálogo entre Jérôme e a sua editora, sobre as regras da construção de um romance policial: “[...] as regras básicas para o romance policial: não se pode abrir espaço para o amor; não se pode admitir o fantástico; a racionalidade deve ser mãe das explicações; nada de descrições e tampouco análises psicológicas. Peço desculpa a Todorov e aos outros teóricos, mas infringirei as regras básicas que criaram” (Lodd, 2010: 72). Efetivamente, ambos os romances se inscrevem no hibridismo genológico do pós-modernismo.

As referências a escritores como Proust, Stein, Joyce, Fitzgerald, Ezra Pound, no primeiro romance, sobretudo, e a críticos como Umberto Eco e Barthes são uma constante nos livros, remetendo sempre o leitor para o mundo da literatura, por vezes da filosofia e,

às vezes, mesmo da psicanálise. Proust, por exemplo, é uma recorrência, socorrendo-se, inclusive, de citações de *Du côté de chez Swann*, em *Meu pseudônimo e eu*.

De facto, os romances de Marco Guimarães têm essa mais-valia de romperem conscientemente com as regras instituídas, como se se tratassem de oficinas de escrita, em que as próprias personagens questionam, dialogando sobre a criação literária. Em ambos os romances apresenta-se uma espécie de clubes de leitura para discutir literatura *in praesentia* (em *Meu pseudônimo e eu*) ou através de um blogue, em que os leitores podem dar sugestões de conclusão do livro (*De escritores, fantasmas e mortos*). A preocupação do autor em aproximar a literatura dos espaços cibernéticos da atualidade está também visível nas referências e enredos que cria em ambos os romances.

A intenção em abranger um leque amplo de temáticas permite passagens como: “Eu esquecera um princípio básico para prevenir essas dores que, no passado, atenzavam minhas ideias e perturbavam minha concentração: o de levantar a cada cinquenta minutos e dar uma boa espreguiçada — um conselho que me fora dado pelo meu fisioterapeuta” (Guimarães, 2011: 119-120). Fica, pois, uma sugestão para o leitor, para o escritor e já agora para o crítico.

Voltando às temáticas dos romances, não é claro poder afirmar-se que estamos em presença de romances policiais, apesar de o enredo ter maioritariamente esse pendor. Pendor que, aliás, cativa o leitor. No final de *De escritores, fantasmas e mortos*, o escritor Jérôme morre assassinado por causa de o livro que estava a escrever se aproximar tanto da realidade que incomodara os poderes instalados de um empresário criminoso da América Latina. Este desfecho levanta a questão sobre a correspondência entre realidade e ficção e sobre a inapetência de alguns leitores não especializados em distinguirem as duas realidades.

Por sua vez, *Meu pseudônimo e eu* começa precisamente por uma cena de morte, como se fosse a continuação do romance anterior, numa narrativa em que, à maneira de Agatha Christie, ocorrem três assassinatos e a tentativa de mais dois. Esta espécie de continuação do livro anterior prossegue pouco depois, na página 25, em que na apresentação do livro de Marcel Rodd, nos é dado a conhecer o que aparece escrito na orelha interior de *De escritores, fantasmas e mortos*. Ou seja, o livro de Marcel Rodd não é mais do que o livro de Paul Lodd e a crítica feita a esse livro, apresentada logo a seguir, e a referência às personagens dos livros, nomes, descrições e hábitos, é a dos personagens de *De escritores, fantasmas e mortos*. Também aqui, para além da intertextualidade criada no âmago da escrita do mesmo autor, estamos perante um inteligente exercício de laboratório de escrita, onde se lançam interrogações e interconexões apenas possíveis de alcançar para o leitor de Marco Guimarães e de Paul Lodd.

A par do enredo policial que atravessa os dois romances, o fantástico, e por vezes o maravilhoso, sobretudo no primeiro romance, estão presentes. A intriga policial em ambos os romances é sempre a dobrar e quando menos se espera, surpreende o leitor. A surpresa constrói-se também nessas dicotomias entre realidade-ficção, realidade-maravilhoso, realidade-fantástico.

Outra temática que normalmente prende o leitor são os enredos amorosos e o autor não descorou esse aspeto em ambos os romances. As personagens são cultas, letradas, interessam-se por literatura. Em *De escritores, fantasmas e mortos*, Jerôme apaixona-se pela sua editora. Por sua vez em *Meu pseudônimo e eu*, o protagonista conhece Marianne, jovem socióloga e dona de uma livraria, por quem acaba por se apaixonar, no metro parisiense, a caminho da seção de autógrafos. Em ambos os casos as mulheres são mais jovens que os protagonistas e têm uma profissão ligada aos livros. Talvez porque, como refere o protagonista de *Meu pseudônimo e eu*, “Se para alguns, ou talvez para muitos, a mulher inteligente dá trabalho porque argumenta com propriedade e desbanca as tolas conjecturas que alguns machistas tentam impor nas discussões, para mim elas representam um desafio e estímulo” (ibid.: 39).

A consciência de que a literatura está associada à vida e às emoções é visível nos dois romances, socorrendo-se o autor, uma vez mais, da autoridade de Proust: “Pois bem, o nosso escritor de *Em busca do tempo perdido* nos dizia que o leitor almeja compreender mais a si mesmo através do livro do que o próprio livro e que ele não pode entender um livro se não se entender a si próprio através desse livro” (Lodd, 2010: 90). Percebe-se que um dos objetivos do autor é, como diz uma personagem de *Meu pseudônimo e eu*, remeter o leitor “à essência dos seus sentimentos e fantasias” (Guimarães, 2011: 117).

Em síntese, refira-se que ambos os livros pouco passam da centena e meia de páginas, o que vem romper com uma certa tendência de romances longos, demasiado longos, aproximando-se aqui a leitura do leitor, numa condensação do enredo. Estes dois romances formam uma sequência. Resta saber se o livro que está previsto para 2013 vem no seguimento de dar continuidade a estas interrogações literárias, bem-vindas numa altura em que a literatura não está no auge e que é preciso questionar a sua criação, forma, conteúdos, estilo e genologia.

Lola Geraldés Xavier